

Quem foi Manuel Vicente Marques ?

Foi um rapaz que nasceu em Alcaidaria freguesia do Reguengo do Fetal concelho da Balalha distrito de Leiria, a trinta de Novembro de 1891. Filho de Francisco Vicente e de Maria do Espirito Santo.

Era o primogénito de seis filhos, que com ele foram criados e educados cristãmente por seus pais no ambiente normal da terra natal, onde ao tempo só havia seis lares ou fogos.

Ficou sem a mãe aos dezoito anos. Em 1913 com 20 anos foi cumprir o serviço militar. Finda a instrução ficou livre do dever militar, logo concebeu a ideia de emigrar para o Brasil e já com vários preparativos para embarcar recebe intimação para se apresentar no quartel, para manobras militares. Ao fim de três dias de marcha forçada (a muito custo) chegaram a Pombal, com o pé direito demasiado infectado. E dali já teve que regressar no carro do esquadrão para o hospital militar de Leiria.

Ali permaneceu um mês, findo este, foi mandado para casa, ainda com o pé maltratado. Cerca de um mês depois baixou ao hospital militar onde lhe cortaram a perna direita uns vinte centímetros abaixo do joelho.

Eis aqui um rapaz na flor da sua juventude, com todos os seus planos truncados!

Adeus Brasil, adeus casamento, adeus perna e buliço da juventude, adeus... Agora de muletas... inventam perna de pau... torneiro que vivia e trabalhava logo na encosta de quem desce na Estrada: Igreja dos Franciscanos - rua à direita para o antigo Hospital Militar - Varoza; numa curva à direita antes de chegar ao rio Dama, muito perto onde hoje passa a 1ª rua a Norte do Castelo; e, dali sai aquele rapaz com cerca de sete quilos de pau e ferros atados à coxa e à cinta e com mais duas muletas a iniciar vida nova!...

Diante de um futuro desconhecido, vai este rapaz iniciando passadas que o levaram até onde ele não sabe; e cujo fim foi aí na Quinta do Porto a encerrar seis quilómetros do local onde lhe fora amputada a perna!

Allos designios de Deus!

E agora?... Sem planos, inválido... Que fazer e como fazer?

Reviva a sua fé, recorre ao Céu e confia em Deus que tudo pode.

Vê a vida à sua frente, tem vinte anos, é de uma actividade inusitada, quer lançar-se na vida: como e por onde?

Surgiu-lhe a ideia de aprender a ser sapateiro. Seu pai tinha um burrito que colocou à disposição do seu filho Manuel; e lá foi ele às Alcanadas falar com o seu futuro mestre, creio que de seu nome, Manuel Barraca. Ali fezera o seu contrato, e ali nas Alcanadas aprendeu a arte de sapataria. Ali foi conhecendo as pessoas do Lugar e entre essas pessoas a senhora Maria Vieira e os seus nove filhos órfãos, mas estes de pai.

Naquela data fallou uma empregada para tomar conta da casa de seu pai Francisco Vicente em Alcaldaria, e em família combinaram falar à senhora Maria Vieira das Alcanadas se poderia mandar uma de suas filhas para empregada e governanta da casa de Francisco Vicente em Alcaldaria. Ficou resolvido que iria a Joaquina Maria de Jesus, perdão, de Jesus Vieira. Esta aceitou fazer o serviço e ela e Manuel amaram-se.

O pai e irmãos de Manuel Vicente não queriam que este casasse com uma criada de servir, seria uma vergonha para a casa, a família, etc. etc...

A minha futura mãe apercebeu-se daquela disposição e disse ao meu futuro pai: o seu pai e irmãos não querem que você case comigo, eu vou para casa da minha mãe e trato da minha vida e o senhor trata da sua.. Ao que o meu futuro pai respondeu: se a menina quiser casar comigo eu não ligo nada ao que o meu pai e irmãos dizem a esse respeito e trataremos das coisas e casaremos os dois.

Ela aceitou, o meu pai entendeu-se com meu avô e tios, marcaram o terreno para meu pai fazer a casa, emprestaram os bois para carrear a pedra, meus tios ajudaram e meu pai deu início à casa, tendo em dinheiro só três mil e quinhentos réis, ou seja, 3\$50!

E, em três vezes pôs casa de 1º andar e casaram!

Dessa data até uns três meses antes de falecer, só esteve três meses sem dever dinheiro, devido várias terras que foi comprando! E criando os oito filhos!

Portanto, meus pais casaram em fins de 1914 e eu nasci a 2-12-1915.

Em Maio de 1917 deram-se as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria e meu pai ouviu a notícia, tirou informações e utilizando o transporte burricol, ao meio dia 13 de Junho lá estava ele debaixo da azinheira grande a rezar o terço com as três crianças: Lúcia, Jacinta e Francisco e mais umas cinquenta a sessenta pessoas.

ouvia as palavras de Lúcia mas da Aparição só escutava um zumbido muito fininho como se fosse um enxame de abelhas. E assim fez, nos meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro, pelas onze, onze e meia já lá estava. Sem medo e sem vergonha de ninguém a sua fé cristã impelia-o constantemente para a Cova da Iria e por isso não deixou passar nenhum dia treze dos que a Senhora dizia que viria para falar com as crianças de Aljustrel.

A treze de Agosto estava lá, dizia ele, e uma grande multidão de gente à espera que viessem as três crianças e que alguém lá foi vindo de Fátima comunicar que ao Administrador de Vila Nova de Ourém havia ido roubar as três crianças que estavam na varanda do pároco de Fátima; logo muita gente gritou: . Vamos a Fátima Pôr as coisas a limpo.... E foram...

Ao meio dia muita gente notou que junto da azinheira se deu algo de sobrenatural.

E em Julho ou Setembro, a multidão que queria ver os Três Pastorinhos, ameaçando pisar as Crianças, viu um homem muito alto e forte pegar (creio que na Jacinta) e sentá-la a seus ombros para que todos a pudessem ver. (Esse homem era um jovem advogado de Torres Novas, que vi e conheci mais tarde, de seu nome Dr. Carlos Mendes)

(Um dia que este advogado fazia comigo um retiro espiritual na Casa de Nossa Senhora das Dores, lia-se ao café o livro de Jacinta, na parte em que esta entregava a Lúcia a corda com que se mortificava, pois já estava demasiado doente e queria que Lúcia a queimasse às escondidas da mãe, casualmente, olhei para o advogado Carlos Mendes e vi que as lágrimas lhe corriam abundantemente dos olhos.)

No dia treze de Outubro meu pai saiu de casa, como sempre, transportado em burrito, e debaixo de abundante chuva e antes do meio-dia lá estava ele no meio da multidão da Cova da Iria para saudar e receber a Mãe do Céu que vinha ali pela última vez e para presenciar o Milagre que a Senhora havia dito a Lúcia que ia ali fazer naquele dia.

Como sempre, rezaram o terço, deu-se a Aparição de Nossa Senhora e meu pai ouviu Lúcia dizer: - Olhem para o Sol!

Olhou e viu que o sol girava sobre si mesmo que parecia uma roda de fogo como num arraiáal das Festas, e com muitas cores como num arco-íris, e que parecia cair sobre aquela gente toda, e que todos gritavam que se ia acabar o mundo e em voz alta pediam perdão a Deus dos seus pecados e que até ouviu confissões públicas, pois julgaram que iriam morrer todos.

Uns diziam que viram Nossa Senhora do Carmo, outros Nossa Senhora das Dores e por fim viu cair uma chuva de flores muito lindas e que iam para as agarrar, mas essas desapareciam à allura de uma homem. Estavam molhados da quantidade de água que emcharcou toda aquela gente.

Viu, ainda, que o Sol retomou o seu ritmo normal e não sabia como foi que ao apalpar a roupa esta estava tão sequinha como se não tivesse chovido nada!

Feria eu uns dez anos quando ouvi nossos pais falarem em vender as terras e comprarem uma pequena Quinta. (Andávamos junto à Lagoa do Brassal, a Norte e desviado da Cova da Iria, entre a Lagoa e Casal dos Lobos.)

Algum tempo depois o nosso pai contraiu uma doença muito grave, uns inclinavam-se para a tuberculose outros não a sabiam definir, e assim recolheu ao Hospital Militar (por estar reformado da amputação da perna), ali permaneceu durante algum tempo piorando de dia para dia. Quanto ao diagnóstico do mal: zero.

O pai vendo-se assim perdido para este Mundo, mandou recado por um soldado da Torre (que antes de vir a casa ia ver o nosso pai), esse recado era que o fossem lá buscar para ele vir ver os filhos antes de morrer, porque tinham planeado em Leiria mandá-lo para Lisboa para o Hospital de São José, talvez temendo que ele falecesse pelo caminho abandonaram esse projecto. E assim, vendo-se o pai nestes apuros, planeou morrer em sua casa. Para cúmulo de infelicidade a mãe e eu andávamos, à tarde, na fazenda mais afastada que tínhamos, a de mais perto de Casal dos Lobos.

A mãe, que trazia o coração em sobressaltos e os ouvidos à escuta, ouviu alguém chamar por ela, lá, junto da Lagoa. E eu também ouvi: — Venha-se embora que o seu homem está pior!. A mãe, chorando amargamente, juntou um molhilo de couve e colocou-o diante de mim e disse: — Ven com a burra depressa que eu vou à frente prepara-me para ir montada na burra e ir a Leiria buscar o pai..

Assim foi, logo que eu cheguei a casa, partiu ela e o nosso avô da Alcaidaria (porque o pai da nossa mãe faleceu muito antes de ela casar), e mais alguns vizinhos e foram para o Hospital Militar. O nosso pai e ela combinaram em ela ir alugar um carro de praça, que na altura eram poucos. Ela foi saber disso e disse ao nosso pai: - O carro custá-nos 50 escudos, mas nós vamos chamá-lo!. O nosso pai, pelo amor que por nós e pela nossa mãe tinha, fez um sacrificio de grande heroicidade dizendo: - Fica cá com esse dinheiro para acabares de criar os filhos, eu morro aqui!.

Naquele tempo, um homem ganhava por dia 5\$00.

O nosso pai depois de fazer aquele último sacrificio em nosso favor, utilizando as armas da Fé que Deus lhe deu e que os seus pais o ajudaram a alimentar, como última tábuca de salvação, apegou-se com a nossa Mãe do Céu, com o título de Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe que obtivesse do Céu a cura dos seus males e prometendo que, se se curasse, todos os dias 13 de cada mês não trabalharia e iria à Cova da Iria, ou mandava alguém em sua vez e lhe daria uma esmola conforme pudesse e a primeira vez que lá fosse levaria 100\$00 e que todos os dias rezaria o terço em família enquanto fosse vivo.

A Mãe do Céu escutou-o e tratou de dar início ao pedido dele. Isto foi na noite do dia doze de Setembro e no dia treze, por volta das doze horas o nosso pai principiou a sentir uma respiração mais fresca e alguma disposição para afastar as moscas, que até aquele dia lhe entravam <sup>na boca</sup> e saíam como abelhas num cortiço e ele nem forças tinha para as afastar.

Veio a nossa família das Alcanadas e na estrada junto da nossa adega aguardávamos a chegada do carro que traria o nosso pai. Como era dia treze vários automóveis se dirigiam para Fátima. Nós víamos uns, será aquele, víamos outros, será este? Até que alguém chegou de Leiria e disse que o pai ficava lá. A mãe não sei quando chegou. Contava o pai que passados dias passou lá o médico e disse: - Afinal isto é uma pleurisia húmida. Se tu quiseses podes ser operado aqui:.

- Sim quero., respondeu o nosso pai, e gostava de a ver fazer!.

O médico riu e disse:

- Adormece-se a carne com medicamentos e podes ver.. Aqui está a intervenção da Mãe do Céu, pois se o médico lhe desse anestesia geral, finda a operação já não acordava, como ides ver.

Iniciaram a operação, ele sentiu cortarem-lhe (serrando) uns nove centímetros de duas costelas (parecia que serravam madeira), mas ao romperem o véu da pleura o pai sentiu que lhe faltava a respiração, que lhe saía o ar pela operação nas costas, e disse: - . Oh, senhor doutor, que eu morro!. O médico pegou em algodão e lapou o corte da operação e aguardou que o pai fosse respirando e falando. E assim aos poucos, foram-lhe extraindo quatro litros de líquido das costas, meteram-lhe dois tubos no orifício da operação e assim ficou dois meses e quatro dias e graças a Deus já foi passar o Natal daquele <sup>ano</sup> na sua casinha com todos nós. Então, só cinco filhos, no Natal somos oito. Mas, uns dias antes, foi apanhado por uma dor ciática que foi debelada antes do Natal. Durante uns seis meses foi acompanhado pelo médico e periodicamente era crivado no peito e nas costas com numerosas pontas de fogo para segregar alguma humidade purulenta interior.

O médico um dia disse ao nosso pai: - Sabes, a quantidade de líquido purulento que deitaste na operação foi de quatro litros! E por vezes nestes dois meses terá sido outros quatro..

Logo que as forças lhe permitiram (creio que na Primavera do ano seguinte), lá fui eu e ele e outras pessoas que quiseram juntar-se a nós (da nossa casa não recordo mais ninguém), a caminho da Cova da Fria dar início ao cumprimento da promessa, que também incluía ir de joelhos da estrada até à capelinha, e lá dar três voltas de joelhos, durante doze ou treze <sup>mezes</sup> ~~vezes~~ ~~ao~~ ~~mês~~.

Como a nota de cem escudos foi entregue no Santuário, <sup>neste dia</sup> conclus que foi naquele dia iniciado o cumprimento das idas à Cova da Fria. Também vi o nome do nosso pai escrito no Livro de Ouro do Santuário de Fátima, que contém o nome das pessoas ou famílias que se comprometeram a rezar diariamente o terço.

Como sabeis em casa de nosso pai rezava-se diariamente o terço.

O pai foi recuperando a normalidade física a comprando terra e ficando endividado, e assim nos foi criando. Devido aos conhecimentos que tinha conseguiu livrar do serviço

militar dez rapazes (que eu contei), e um empenho para outro fazer guarda na Batalha ao Soldado Desconhecido, livrou ainda outro de responder a um Conselho de Guerra por ter desertado do quartel.

Um dia estive prestes a serem-lhe cortadas as duas coxas pelo rodado de um carro carregado com toros de madeira numa grande descida onde os animais não conseguiam parar e ele escorregou (ia a conduzir os animais), estes passaram por cima dele e por milagre quando a roda estava a escassos vinte centímetros <sup>do chão</sup> parou e eu meti uma pedra à frente da roda e fui retirá-lo e os animais estavam quietinhos na descida como se estivessem em chão plano. Não foi isto um milagre? Eu e o nosso pai convencê-mo-nos que foi.

Teria eu vinte e dois anos, quando o nosso pai soube que a Quinta do Porto estava à venda, falou com o feitor e foi lá vê-la. Gostou dela, mas achou-a pequena.

Um dia ainda fui com o pai ver dois terrenos, e não nos agradaram. E eu e a Maria não queríamos sair da terra natal.

Passados meses o pai soube que a Quinta do Porto ia mesmo ser vendida, por trinta mil escudos! O pai foi falar com quem lhe podia emprestar o dinheiro, mas só com escritura de hipoteca e o pai irreflectidamente concordou. Comprou a Quinta, hipotecou-a ao tal senhor até vender as trinta e duas terras que possuía e assim arranjar o dinheiro para poder desipotegar e pagar mais de uma dúzia de contos que devia, de terras que havia comprado. Assim fez, mas já teria vendido metade dos seus campos e a casa. Ele e nós pensámos maduramente na situação em que nos encontrávamos, se antes da desipotega havia uma falecimento na família que nos emprestou o dinheiro ou dos nossos pais, ficávamos sem nada! Diante e embrulhado nesta situação, o pai agarrou-se à sua fé em Nossa Senhora de Fátima e à devoção bem vincada que ele tinha às Almas do Purgatório e prometeu-lhes que se conseguisse vender, pagar, liquidar tudo e desipotegar a Quinta que faria lá ao cimo, junto à estrada (que ele já planeava que se realizaria), uma capela em honra de Nossa Senhora e das Almas do Purgatório. Graças a Deus, vendeu tudo, pagou tudo e libertou a Quinta para o seu nome.

A capela foi iniciada por mim e alguns dos meus irmãos, uns dias antes do meu pai falecer a 11-10-1944, em consequência de uma queda de um burrito em que fracturou a coluna vertebral que lhe atingiu a medula.

O nosso pai antes de comprar a Quinta colaborou no projecto de terraplanagem da estrada camarária das Alcanadas ao Ferrulhal para ligar à estrada Celeiro, Alqueidão, etc... O Joaquim ainda andou a trabalhar nessa terraplanagem, pois o pai prometera dar para lá uns tantos dias de trabalho.

Entretanto, chegou aí à Quinta do Porto e viu a insuficiência e péssimo estado dos caminhos para os habitantes transitarem, especialmente, dos Mouratos ao Casal da Rolha para irem à Igreja e a Leiria. Não se conteve sem conseguir saltar para a rua e falar com os habitantes desses lugares e com todos os proprietários confinantes com o caminho e se ofereciam o terreno preciso para de fazer ali uma estrada e quantos dias de trabalho ou dinheiro dava cada morador ou confinante. Pronto isto, foi à Câmara de Leiria apresentar as decisões e disposições já obtidas, pedindo à Câmara um engenheiro para alinhar e marcar a estrada e sua colaboração para que a estrada e a terraplanagem fossem um facto.

A Câmara ofereceu engenheiro, carrinhos-de-mão, pás e picaretas. A terraplanagem foi feita com largura para seis metros de empedrado. Finda a terraplanagem deu-se o desastre e falecimento do nosso pai.

A estrada ficou paralisada durante trinta anos e isto depois do nosso pai, com alguns colaboradores terem angariado quatrocentas assinaturas para pedirem a colaboração ao Governo de Lisboa. Como ao deitarem a brita foi menos do que os tais seis metros, agora aqui del-rei. que a estrada é muito estreita... é preciso alargá-la... E como a capela que o nosso pai prometeu foi feita a um metro da dita terraplanagem, com a largura que não foi respeitada, agora atam as mãos à cabeça.

O cadáver do nosso pai foi o primeiro a passar na nova terraplanagem, e o da nossa mãe foi o primeiro a passar por cima da brita que já andavam a deitar na nova estrada.

Eis aqui, queridos irmãos, em breves traços, o que foi a vida de um homem duramente provado, que soube atravessar nuvens e densos nevoeiros, carregados de grosso



granizo, que lhe não conseguiu quebrar a vontade de ferro que o fez atravessar longos túneis onde foi provado desde os seus dezeto anos de idade até aos cinquenta e dois, data do seu falecimento.

Consciente dos seus deveres de pai providente, ministrou-nos o pão quotidiano, amor familiar, amor ao trabalho, amor à Igreja e fé e confiança em Deus. Foi um homem simples e humilde, sem ambições terrenas, prova-o a frase seguinte que ele dizia:

- . Ó filhos, eu não quero ser rico, gostava de ter aonde vocês tivessem, aonde pudessem trabalhar sem andarem sob o domínio de ninguém!.

Lá em casa ninguém ficava tranquilo, rezando apenas o terço, à noite, rezava-se pedindo e agradecendo a Deus por intermédio de Nossa Senhora e dos Santos. E às refeições, mesmo no campo, rezava-se dando graças a Deus, que nos deu de comer sem nós o merecermos, dai-nos o Céu quando nós morrermos, etc., etc... Ao levantar, enquanto se preparava, ia rezando a Nossa Senhora, ao Anjo da Guarda e aos Santos. Logo que o Sol lhe dava nos olhos descobria-se e rezava ao Santíssimo Sacramento, mesmo pelos caminhos. Ao avistar uma igreja ou capela repelia-se o mesmo gesto, se fosse um cemitério era igual. Tinha as suas fraquezas humanas como nós temos, mas conseguia ultrapassar, essa barreiras e pedia a Deus a graça de podermos viver sem a vergonha do Mundo., súplica que ele dirigia a Deus diariamente.

O pai colaborou na abertura de duas estradas para melhor podermos caminhar cá na terra, e simultaneamente indicou-nos dando-nos o seu exemplo de caminharmos na estrada real da fé, no amor, esperança e confiança de Deus de quem todos dependemos.

Permiti que vos diga que umas três ou quatro vezes por ano nos dizia: - . Preparem-se que tal dia vamo-nos confessar a tal parte.. E as suas últimas palavras cá na Terra, na Quinta do Porto foram dirigidas ao Francisco, cerca da meia-noite do dia 10-10 1944: - .Vai deitar-te e reza ao Anjo da Guarda.. E pelas sete horas do dia onze, eu rezava-lhe o ofício da agonia, agonia que não fez gesto nenhum e fechei-lhe os olhos.

Muito mais havia para vos dizer de um homem enérgico, simples, iletrado, social, amante da sua família e compadecido do sofrimento, promovendo o bem-estar alheio, como foi o nosso pai.

Creio ter-vos dito o suficiente para verdes o estofa humano, moral e espiritual do pai que nos chamou à vida. Não admira que as autarquias locais dos parceiros e camarários que ao consultarem os seus arquivos sobre a estrada Valejuncal-Casal da Rolha, Mouralos, Cavalinhos e Maceira-Liz deparassem com o nome do seu inicial e principal promotor de seu nome Manuel Vicente Marques, que na sua simplicidade de homem que tanto se sacrificou para o bem comum dos utentes que beneficiam desta estrada que lhe dedicassem uma rua a perpetuar o seu nome, e aqui lendes a Rua Manuel Vicente Marques à frente e junto da capela que ele prometeu construir em 1939, e que nós seus filhos e netos acabámos de ampliar neste ano de Cristo de 1997.

Parabéns a todos e graças a Deus.

Seminário de Godim - Foz de Régua - 3-4-1997

O seu filho: José Franco Vicente.

Em religião: Irmão Vicente Franco.

José Franco Vicente